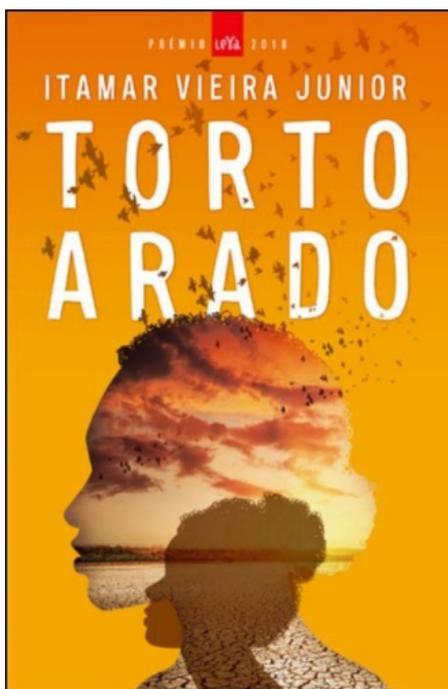


Cânone acidental***Torto Arado*, Itamar Vieira Junior***

Nessa noite, em particular, estava presente o prefeito. Havia cinco anos, meu pai tinha atendido um de seus filhos. Vieram buscá-lo de carro, um *Gordini* vermelho, coisa nunca vista em Água Negra. Até então só conhecíamos a *Ford Rural* da fazenda e os carros que vimos na estrada quando fomos para o hospital por causa do acidente. Desde então, aparecia na festa de Santa Bárbara. Da primeira vez, meu pai não aceitou seu pagamento, mas pediu que trouxesse um professor da prefeitura para que desse aula às crianças da fazenda. Contava que viu um tanto de constrangimento no rosto de Ernesto, que, sem escapatória, fez a promessa. A gratidão por meu pai e pela encantada era grande, por isso teve que cumprir o que prometeu. Havia também o medo que o encantamento que curou o filho se desfizesse. Então, meses mais tarde, viria uma professora no carro da prefeitura, três dias na semana, para dar três horas de aula na casa de dona Firmina. Firmina vivia sozinha e dispunha de um pequeno galpão com tábuas que, apoiadas em duas latas cheias de barro, se tornavam um banco para sete ou oito crianças. Para reforçar o que aprendíamos com professora Marlene, tínhamos o apoio de minha mãe. Dizia que só não poderia ensinar matemática, porque não sabia; «tenho a letra, mas não tenho o número».

Inclusive, no princípio, o prefeito sugeriu uma solução menos trabalhosa e, sabendo que minha mãe era alfabetizada quis fazê-la professora. Minha mãe, consciente de suas limitações, recusou. Reforçou em sua fala a expressão «tenho a letra, mas não tenho o número», e que queria muito que seus filhos de



P

sangue e de pegação tivessem estudo e pudessem ter uma vida melhor do que a que tinha. Essa era a razão de todo o esforço que meu pai fez para que tivéssemos um professor e, percebendo que não era o suficiente, uma escola. Meu pai não era alfabetizado, assinava com o dedo de cortes e calos, de colher frutos e espinho da mata. Escondia as mãos com a tinta escura quando precisava colocar suas digitais em algum documento. De tudo que vi meu pai bem querer na vida, talvez fosse a escrita e leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco. Quem acompanhasse sua vida de lida na terra ou a seriedade com que guardava as crenças do jarê acharia que eram os bens maiores de sua existência. Mas pessoas como nós, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder nos legar.

E não foi com espanto que vi naquela noite, antes de todos os outros encantados chegarem e se abrigarem no seu corpo, Santa Bárbara girar, gritar e parar com sua espada apontada para o prefeito, a quem fez honras, como se cumprimentasse um monarca, mas também como se se dirigisse a um súbdito, para lhe pedir, na frente da audiência, que cumprisse a promessa feita no passado e que não me recorde de sabermos - de construir uma escola para os filhos dos trabalhadores. O prefeito olhou desconcertado, esboçando um sorriso sem graça quando se viu diante do olhar das quarenta famílias que moravam em Água Negra. Quase compassivo, recordando das graças e temendo a má sorte que teria, dependendo do esforço empreendido para realizar a ordem dada pela encantada, aquiesceu.

*Junior, Itamar Vieira (2018). *Torto Arado*. Lisboa: Leya, pp. 67 a 69. [Seleção de Filomena Viegas]

Para onde vão os gatos quando morrem?, Luís Cardoso*

Quinto dia

1 Vamos deitá-las ao mar!

fiz-lhe uma sugestão lembrando-me das suas palavras.

2 Beatriz, embora tivesse dito aquela frase, da sua intenção de desfazer-se das *Kamparas*, esqueceu-se delas debaixo da cama. Nunca mais se lembrou das suas companheiras de viagem. Andava descalça. Mesmo quando saía comigo para me levar às lições ou para ir à igreja.

3 Talvez não quisesse livrar-se delas, por serem um objeto de estimação. Há muito que andava com as *Kamparas*. Cresceu com elas. Conheciam-se mutuamente. Tinham vivido episódios comuns e afeioaram-se uma à outra. Dissera aquilo por dizer.

4 Lá bem no fundo queria guardá-las. Sempre era alguma coisa para mostrar aos descendentes como foi o seu trajeto de vida. E nada melhor do que as *Kamparas* para exemplificar a sua adolescência.

5 A história da sua família confundia-se com a saga das *Kamparas*. No início, foi por necessidade, quando se tinha de calçar uma família, o apogeu quando se descobriu que se podia ganhar muito dinheiro com elas, e o declínio, quando Eustácio se foi embora com o amigo americano.

6 No seu caso, a desgraça da sua família foi uma porta aberta para a busca da liberdade. De certa forma, a família fora como uma clausura. Ataúro revelou-se como uma hipótese de refazer a sua vida. A possibilidade de começar tudo de novo

- Vamos deitá-las ao mar!

insisti para que fosse comigo até à praia.

7 Não era dia de lições. Depois do pequeno-almoço tínhamos todo o tempo para nós. Fui ao seu quarto e tratei de arrumar as *Kamparas* num bornal de pano que servia para guardar o pão

- Que levas aí dentro?

- Rosas!

calhou-me dizer rosas por causa do conto que aprendi com o professor.

8 Ela sorriu. Também conhecia o célebre conto português. Conte-lhe a versão que me foi ensinada. Dinis era rei de Portugal. Constou que a sua esposa, Isabel, andava a distribuir pão pelos necessitados. Situação que não agradava nada ao rei, que, embora fosse justo, escrevesse poesia e gostasse de andar pelos campos, era muito cioso da sua propriedade privada. Não queria que uma mulher esbanjasse a sua fortuna com os pobres.

9 O marido desconfiado fez-lhe uma espera. Confrontada pelo rei, por causa do grosso volume que levava no regaço, disse que eram rosas. Pediu-lhe que lhas mostrasse. E eram rosas quando Isabel abriu o manto. Não sendo pão ou algo de valor mandou-a embora

- Pão em rosas!

disse Beatriz com ar enfasiada.

10 Acrescentou que aquela versão do conto popular não era do seu agrado. Primeiro, por mostrar que o rei era muito avarento e por desconfiar da palavra da esposa. Segundo, porque a rainha deve saber como influenciar o rei a cuidar dos seus pobres. Não devia mentir ao marido dizendo que eram rosas

P

quando sabia perfeitamente que era pão para dar aos pobres. O milagre salvou-a da mentira

- Rosas em pão!

sugeriu que o enredo fosse alterado.

11 Decidiu contar uma outra versão do conto popular que fazia o resgate do rei e da rainha. Que Dinis não era tão avarento quanto o conto mostrava nem Isabel precisava de mentir para ajudar os pobres.

12 Contou,

o rei andava pelos campos em busca de inspiração para os seus poemas. A rainha fazia-o em busca de flores e de aromas que muito a encantavam, dado que os palácios eram locais soturnos e cheiravam a mofo.

13 Um acaso fez com que Dinis tivesse encontrado a sua esposa vagueando pelos campos e, vendo-a com um regaço no vestido, perguntou se a rainha pretendia colher flores. Isabel disse que sim. E, ampliando o doce sorriso, confidenciou ao seu amado esposo

- Rosas, Dinis! Rosas!

que o fez ficar deliciado com o gesto da esposa.

14 O rei achava que a rainha podia colher rosas para oferecer aos pobres. Ele próprio se prontificou a ajudá-la. Que o seu povo devia ser educado a apreciar a beleza natural. Quem não havia de gostar de receber flores? Quem não havia de gostar do cheiro de rosas e de alfazema?

- Ai flores, ai flores do verde pinho!

citando um dos seus mais conhecidos poemas.

15 De regaço cheio e cheirando a rosas, Isabel foi para o lugarejo dos pobres. Conhecia bem o caminho por causa das outras vezes em que lá ia entregar pão. Um garoto saudou-a com uma voz sumida, porque não parava de tossir, e foi dizendo entre soluços

- Que trazeis, senhora?

- Rosas, menino! Rosas!

16 Enquanto caminhavam, Isabel notou que o rosto do menino foi ficando cada vez mais triste à medida que se ajuntavam mais pobres, cada um deles com mais fome que o anterior. Aquelas pessoas não pareciam precisar de flores. Reclamavam pão para a boca. Tinham andado a plantar árvores nas dunas, conforme mandara o rei, e não haviam tido tempo para semear. Viviam daquilo que colhiam pelas florestas.

17 Isabel estava dececionada com a receção. Esperava ser recebida como antes, quando trazia pão, entre sorrisos e lágrimas de contentamento. Teve um momento de hesitação. Não sabia se devia insistir na sua missão de oferecer flores aos pobres ou regressar ao palácio para informar o rei de que a prioridade daquelas pessoas era saciarem-se com pão. Tinham fome. Foi interrompida pelo garoto

- Senhora, dá-mas!

como se tivesse adivinhado o que passava pela cabeça da rainha.

18 Quando abriu o regaço, qual foi o seu espanto ao ver que em vez de flores havia pão para toda a gente. Cheiravam a rosas. Rosas em pão. Aconteceu o verdadeiro milagre da rainha

- Vitória, vitória, acabou a história!

sorriu com a mudança introduzida no enredo do conto.

19 Eu também sorri. Ambos sorrimos. Saímos em direção a Usu Rose. Foi lá que me despedi do

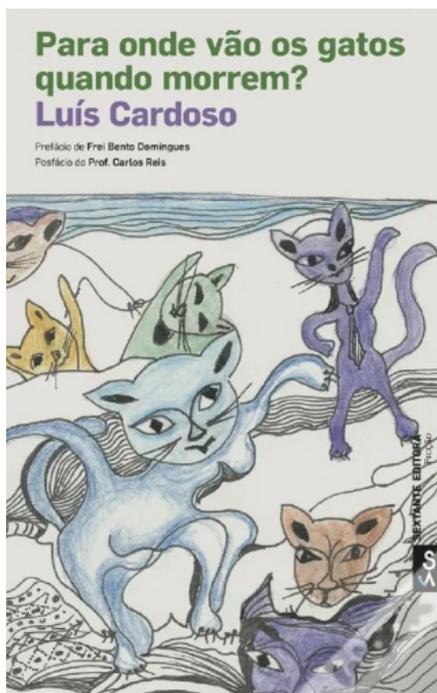
cachorro *Sansão* por ser um local mágico, cheio de árvores frondosas de tamarindo que ensombravam o areal.

20 Lembrei-lhe que se por acaso nos aparecesse o meu pai pela frente e nos perguntasse o que é que [trocava] no saco, devíamos dizer

- Rosas!

- *Kamparas!*

corrigiu-me, retirando o saco da minha mão.



* Cardoso, Luís (2017). *Para onde vão os gatos quando morrem?* (pp. 81-84). Sextante editora [Seleção de Filomena Viegas].

P

Quando os cravos vermelhos cruzaram o gebo, Tony Tcheka*

A guerra acabara há pouco mais de oito meses. Numa madrugada de abril, a de 24 para 25, militares portugueses amotinados em Lisboa tinham decidido sair à rua, de armas na mão, e pôr fim ao regime de Marcelo Caetano. A eles, com as horas somando, juntaram-se outros militares e multidões em festa, acenando com cravos vermelhos. Cenário multiplicado por toda a metrópole. E, como consequência, o derrube do colonialismo nos cinco territórios africanos de língua portuguesa – o fim do Ultramar.

Cansado de reuniões saturantes e indisciplinadas de concertação político-militar em Bissau, Capiton, achando-se alheio a isso tudo, vagueou horas esquecidas pelas ruas e bairros da capital, completamente perdido e inquieto perante a nova realidade que não cabia nele. Tudo lhe era estranho. Sentia não ter lugar naquele espaço novo em reconfiguração. Tinha o pensamento num torvelinho, receando possíveis consequências desse mundo novo em efervescência vulcânica bem à sua volta, pesando-lhe no corpo e na mente. Era um cenário jamais pensado. Mas estava a acontecer, consumia-o minuto a minuto. Sentia-se flagelado e atordoado pela bernarda portuguesa e suas réplicas na terra que julgou sempre defender como sendo parte de um todo. Assumidamente se achava um dos *heróis do mar, fazendo parte do nobre povo da nação valente* ...

Sentia-se asfixiado pelo mar de gente nas ruas. Experimentava a sensação da cabra de mato surpreendida pela mira de um caçador numa lala descampada. Aquele bulício perturbava-o ainda mais. Uma multidão em vaivém constante. Os cafés, *Império, Triunfo, Universal, Bento e Pelicano, Zé D' Amura, Pick-Nick, Solar do Dez, Las Palmeiras*, sempre cheios, a qualquer hora do dia ou da noite, eram situações que o atropelavam. Habitado às leis e normas castrenses, não podia aceitar anormalidades bizarras de comandantes sem galões. As platinas de nada serviam, e os militares tratados unicamente por camaradas, jeeps

de guerra galgando a Praça do Império com *badjudas di praza*¹, neles penduradas e em grandes cantarolas... A miudagem galgando a estátua *Maria da Fonte*, conhecida como “esforço da raça!”, sem qualquer respeito, provocavam-lhe uma comichão dos pés à cabeça. Nada podendo fazer, só lhe apetecia sair dali sem olhar para trás.

Sentia olhos postos nele. Pareciam colados aos seus movimentos outrora felinos e seguros, agora dolentes. As pernas pesavam, cansadas de tanto andar. Andar, andar só, à procura de nada.

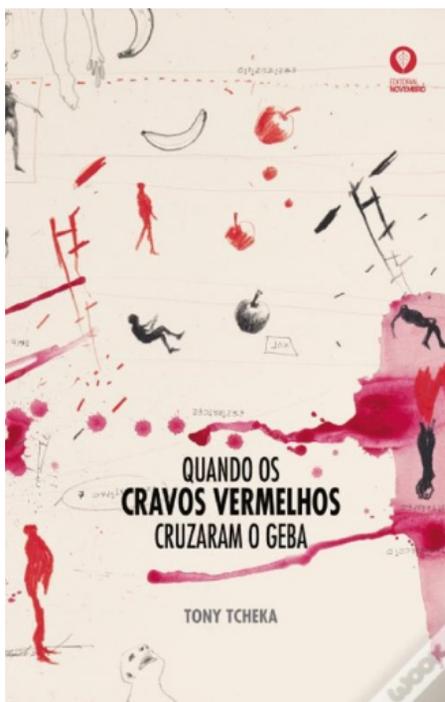
Nada era tudo quanto tinha no pensamento entorpecido por um tempo que se mostrava ambíguo e pouco amigo. Nas ruas, esbarravam nele, como se não existisse. Observava, mas sem ver. Queria simplesmente perceber a razão de tanta azáfama babilónica. Tentava em vão convencer-se de uma normalidade rápida, trazendo de volta pelo menos o sossego fugidio nesses dias que lhe escapavam por entre nescas de pensamento ziguezagueado, com incertezas crescendo desmesuradamente. Inquieto e nervoso como nunca fora, estava ali feito um estranho, como se fosse o único do lado de cá, ou do lado de lá. Muitos dos seus companheiros de trincheira já não estavam ao seu lado. Sentiu a divisão ganhar espaço no seio dos seus camaradas de armas. Era um estar sem estar. Estava ali, mas era como estar em lado nenhum. Estava sim, feito espírito errante. Como descobrir o segredo de uma mudança inesperada,

¹Raparigas de cidade

tão repentina como o tornado na Guiné que, mal se anuncia, já desabou com elevada intensidade. Era-lhe mais fácil decifrar o tempo e antever a chegada das chuvas. Mas como entender e enfrentar tamanha tempestade cujo epicentro se localizava na metrópole?

Uma tempestade mexendo com a cabeça das pessoas. Um clima ruim alterando a ordem, a compostura e o poder. Um poder que julgava inquestionável, tomado de assalto pelos seus guardiães – os militares.

Nada favorecia o seu raciocínio habitualmente lesto, mas naqueles dias, obtuso, de pouco alcance. E, se calhar, capturado por aquele momento da história, a seu ver, surreal e inusitado. Ver militares na metrópole passeando no meio da multidão de cravos vermelhos na boca da G-3 e prendendo civis, dava-lhe um nó no estômago.



* Tcheka, Tony (2020). *Quando os Cravos Vermelhos Cruzaram o Geba*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Novembro, pp. 33-35. [Seleção de Noémia Jorge]

Rabhia, Lucílio Manjate*

O corpo da vítima

Voltou a observar o corpo da prostituta. Adivinhou-lhe os cabelos negros e virgens soltos na areia. Pressentiu-lhe a pele escura quente e fresca. Insufinou o perfume das amoras maduras e pareceu-lhe o ofegar que lhe chegava do coração de Rabhia. Viu o sol dançar no corpo da prostituta repartido em mil sóis na copa da amoreira e descobriu-lhe as maçãs do rosto pintalgadas de cores que lembravam os prazeres à venda nos cabarés na Baixa da Cidade. Recordou-se do dia em que aqueles prazeres lhe foram interditos pelo tio Comandante Vanimal e ficou apavorado. Sacudiu a cabeça. De volta à Rabhia, percorreu-lhe o pescoço esguio e adivinhou-lhe os movimentos sensuais dos muitos beijos por dar, sensuais no olhar que cativa e cega, sensuais na voz que expurga a timidez do mais destemido dos homens. Ganhou coragem e ainda que vigiado pelo tio em segundos intermitentes como choques eléctricos, percorreu-lhe o corpo inteiro e admirou-lhe o requebro da cintura, o boleado das ancas, a energia dos movimentos, a plasticidade e a sucção dos lábios. E parou nos olhos da prostituta. Olharam-se fixamente. Que diferença faz a vida ou a morte, se isto existe, se isto é intenso, pensou. Mas os olhos de Rabhia permaneciam terrivelmente abertos e frios. Num gesto interior, fechou-lhe as pálpebras e sentiu que era ele que naquele momento suspirava.

A caminhada cega de Rabhia

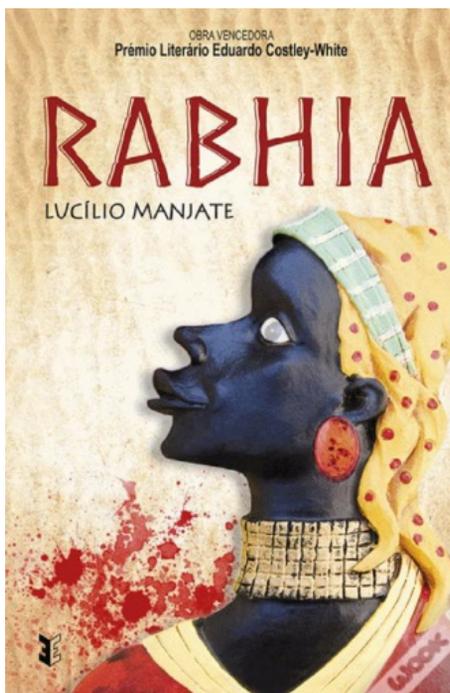
Apercebendo-se da situação, um cliente com cara de polícia colocou disfarçadamente o disjuntor que levava sobre a prateleira mais próxima e perguntou a um dos trabalhadores que fingia não ouvir a discussão do que se tratava. Antes que o jovem pudesse responder, Rabhia desprende o braço da mão de Salim e saiu disparada da loja. Deu à Rua Consiglieri Pedroso e correu enquanto chamava por Boanar Momad, perdendo-se entre automobilistas que buzinaaram apavorados e transeuntes que abanaram as cabeças convictos da loucura da jovem. Mas um revendedor ambulante de recargas de telemóvel tratou imediatamente de esclarecer aos curiosos:

«Aquela senhora acaba de sair da Primeira Esquadra, entrou com um senhor, mas o senhor fugiu...»

Rabhia corre e grita pela Consiglieri Pedroso até se esbarrar na vitrina da Minerva. Cala-se assustada e desata novamente a correr e a gritar sem direcção. Ainda que eu goste dela, devo confessar ao leitor que aquilo era mesmo coisa de loucos. E assim foi até ouvir o *adhan*. Rabhia estacou. Os espectadores riram-se. Depois arregalaram os olhos, espantados, quando a viram a andar às arreguas na direcção daquela voz, certa de que acharia o caminho da mesquita. Mas o muezim calou-se e naquele dia não mais voltaria a chamar. Rabhia parou, sem norte, nem voz. Sentiu o cheiro a urina, forte, saturado. Estava diante da Rua da Catembe. Entrou e prosseguiu até alcançar a Rua do Bagamoyo. Atravessou a Bagamoyo e foi andando rente ao Instituto Nacional de Inspeção de Pescado. Passou a Escola Nacional de Artes Visuais. Depois o Instituto de Investigação Sócio-Cultural e parou diante de um murro azul, de onde saltou um casal de jovens sorridentes enquanto fechavam as braguilhas das calças. Pensou em pedir ajuda ao homem que logo a seguir ao casal apareceu chamando-os os piores nomes e ameaçando-os de morte, mas continuou até à Escola Nacional de Dança. À meia voz, chamou uma última vez por Boanar Momad e atravessou a

Rua do Bagamoyo, desta vez no sentido inverso. Parou diante do Clube Vénus. A passo lerdo, avançou tacteando grades de protecção até alcançar as paredes do Hotel Central, para onde acorrem locais e estrangeiros ávidos de prostitutas de todos os gostos. Contornou o Central e entrou na Rua da Mesquita. Amparada à parede do hotel, deixa cair o embrulho de roupas, encosta a cabeça e chora copiosamente, incapaz de imaginar que a escassos metros uma procissão entra na Jumma Masjid, de onde lhe chegara a voz do muezim.

Entre o Central e a Jumma Masjid, debaixo do alpendre a cair aos pedaços da Casa Alcobaça, uma venerada prostituta, mulher reputadíssima em assuntos de alcova, observa entre tragos de um vinho ordinário, não tanto a dor, mas o corpo de Rabhia. A matrona aproxima-se e a toma nos seus braços. Pela primeira vez, em Maputo, Rabhia sentiu mãos de mulher, mãos firmes e acolhedoras, a quem confiou o embrulho de roupas, depois de aceitar pernoitar na sua casa, no Bairro Luís Cabral.



* Manjate, Lucílio (2017), *Rabhia*, Edições Esgotadas, p. 24 e pp. 38-39 [Seleção e títulos dos excertos de Luís Filipe Redes]

Gungunhana, Ungulani Ba Ka Khosa*

As vestes das rainhas

As vestes pouco se modificaram com o tempo de exílio, notando-se neste pormenor de modas em latitudes diferentes a troca das saias apertadas às pernas até aos joelhos, como era prática na corte por saias mais largas e com dobras até aos tornozelos, deixando à vista várias anilhas feitas de esparto. Mantinham nos braços, como era característica nas damas da corte, as argolas de cobre. Nas orelhas rasgadas, sinal identitário nguni, não despontavam brincos. Mantiveram, a duas ou três polegadas da testa, a carapinha rapada, elevando-se, em seguida, uma trufa de cabelo de considerável altura. Dentes de marfim a servir de pente cruzavam-se na trufa. Mantilhas envolviam parcialmente os pescoços decorados com colares de missangas. Um pedaço de pano cruzava a cintura, em jeito do que viria a ser, anos mais tarde, a vumba, peça de capulana a envolver a cintura e a separar a grande peça de capulana, chamada mukumi, para a parte inferior ao umbigo, e a xiquitawana, a blusa, peças destinadas à mãe da mulher pedida em casamento em cerimónia a que os nativos chamavam e os tempos modernos resgatariam o ato, pese a utópica e desvairada iniciativa da falhada revolução em apagar a identidade, de lobolo. A estas peças juntava-se uma outra capulana a envolver uma garrafa de vinho branco, sempre vinho branco - não se queria o tinto porque manchava, sabia a sangue, a que chamavam de chimbeumbeué. As mulheres do imperador ainda desconheciam estas práticas que ao tempo se resumiam à entrega de cabeças de gado bovino e outras de menor porte para o repasto que se seguia, ao tabaco e rapé para os mais velhos, dinheiro, em libras, e outras ofertas, geralmente adereços, para as mulheres, na solenidade do ato, aqui chamado de lobolo. Estavam descalças.

Tabu quebrado

Na primeira noite, contrariando o hábito secular dos Ngunis, Manua comeu peixe. Achou-o saboroso e vituperou a sua prole. Bebeu um litro de vinho, arrotou e saiu da mesa. Passou pela ponte, cumprimentou o capitão e postou-se na amurada do navio, fumando um cigarro, enquanto olhava para as estrelas e para a Lua que atirava fiapos de luz à esteira prateada que o navio sulcava. O marulhar das águas reconfortou-lhe o espírito. Recolheu ao beliche que lhe estava reservado e dormiu. Sonhou com lanças e savanas secas e verdejantes. Viu serpentes a enrodilharem-se no corpo bojudado do pai e sorriu. Ao findar da madrugada acordou sobressaltado. Pancadas insistentes e ferozes caíram na porta do camarote. Puxou os lençóis para o lado esquerdo, saltou da cama e, já junto à porta, sentiu algo viscoso e escorregadio a colar-se às plantas dos pés. Arroz em pasta cobria o soalho. Cabeças de peixe com olhos brilhantes e reluzentes repousavam à superfície da pasta de arroz. O vinho coloria, aqui e ali, o arroz que um líquido amarelo azedava. Bolhas enormes rebentavam de segundo a segundo. Era o seu vômito. Incrédulo ainda ficou parado, contemplando o vômito. As mãos escorreram pela porta. O corpo foi-se dobrando. Os joelhos assentaram no chão. Chorava. O cheiro começou a invadir as narinas. Levou a mão direita ao nariz. Voltaram a bater à porta. Com a ajuda das mãos ergueu-se e abriu a porta. O comandante do navio e os seus dois lugar-tenentes olhavam-no com certa gravidade.

- Tens a sorte de seres filho do rei, rapaz – disse o o comandante. - Caso contrário limpavas esta merda

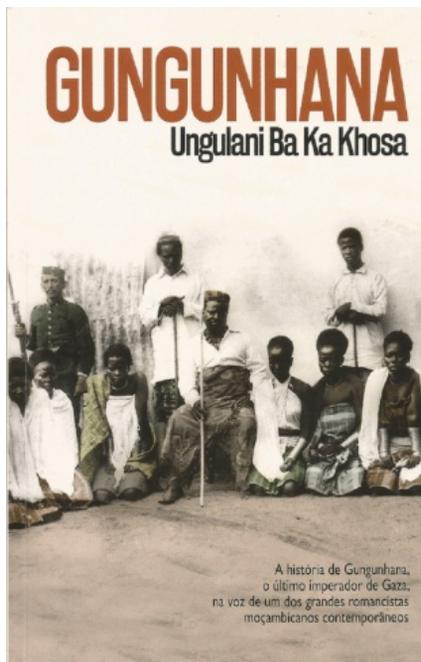
toda e atirava-te depois pela borda fora, seu preto... Olha para esta porcaria... Olha, vê bem a merda que fizeste...

Um fio que ia alargando até ocupar a extensão do corredor saía do camarote. Era o vômito. O vômito com tonalidades vermelhas e amarelas. Eram cabeças de peixes. Era o cheiro. Eram as moscas a zumbir. Inacreditável, pensou Manua. Sentiu tremores nas pernas, transpirou pelos sovacos e encostou-se à parede do corredor. A boca estava seca e os olhos, tais como os dos peixes, saíam das órbitas, enormes.

- Siga-me - disse o capitão do navio.

Em todo o lado o vômito cobria o soalho, vermelho, amarelo. Dos peixes só se viam as cabeças enormes. As moscas percorriam os corredores, entravam nos camarotes, cobriam a ponte e zumbiam. Os passageiros, encostados à amurada do navio, vomitavam, incapazes de suportar aquele chão pegajoso, lamacento, sujo e malcheiroso. O mar, em redor do barco, tomava a cor do vômito. Peixes vinham à superfície, mortos. As mulheres gritavam, histéricas. As crianças desmaiavam. Os homens berravam, insultavam, falavam dos pais e avós. Os faxinas corriam de uma ponta a outra do paquete com panos e água sem saberem por onde começarem.

E Manua chorava. Minutos depois recolheu ao beliche. Levantou os lençóis e viu-os impecáveis, excetuando um borrão de esperma. Olhou para a roupa e viu-a sem nódoas, excetuando a parte dos joelhos. Sentou-se na borda da cama. Os faxinas entraram no camarote e limpavam o soalho, olhando de soslaio o preto, filho do rei que os Portugueses tanto temiam.



* Ungulani Ka Ka Khosa (2017), *Gungunhana*, Porto, Porto Editora, p. 102 e pp. 63-64 [Seleção e títulos dos excertos de Luís Filipe Redes]

A Família Trago, Germano Almeida*

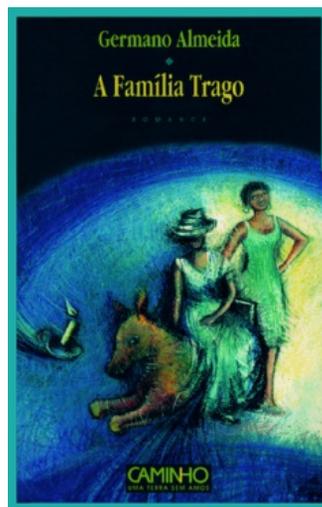
2

Só comecei a tomar consciência do sucesso que estava sendo a minha palestra quando ao anoitecer do dia dez de Agosto entrei na sala de jantar. Durante toda a tarde tinha estado no meu quarto a aplicar os últimos retoques à segunda parte, de modo que não dei conta que a Angelina e Venceslau tinham-se fechado na sala de jantar a proceder à sua decoração para o grande momento.

A primeira coisa em que reparei foi no enorme retrato de Pedro Trago, até lá relegado para a grande sala de visitas onde nunca ninguém entrava, mas nesse dia pontificando dominadoramente em todo o espaço.

Acho que até então muito pouco tinha dado por ele, pelo que parei diante da pintura a contemplar a enorme testa ainda mais pronunciada pela calvície, as orelhas afastadas, o ar de firme serenidade e a boca larga onde se desenhava a sombra de um breve e irónico sorriso. Era forçoso reconhecer que mesmo da parede emanava dele uma força que impressionava e sem querer dei por mim a pensar, era de facto um homem, um grande homem, porque enquanto tinha estado a escrever sobre a sua vida ele tinha crescido dentro de mim como uma personagem que inventava e que só existia no meu espírito, mas agora via-o ali em frente a olhar para mim e até chegou a parecer-me que o seu sorriso de troça aumentava e como que me piscava um olho cúmplice.

Entretanto a Angelina tinha entrado sem eu dar fé e ficado atrás de mim. Já reparaste que ele tinha orelhas de furto?, disse rindo e sobressaltando-me. Só anos mais tarde ela viria a contar-me da sua adoração pelo velho e por isso levei um dedo aos lábios: se Venceslau te ouve dizer isso ele dá nas almas, de Pedro Tiago até este cabelo quase encarapinhado lhe parece fino.



* Almeida, Germano (1998). *A Família Trago*. Editorial Caminho, p. 58, [Seleção de Maria Vitória de Sousa]

Antologia Poética, Maria Lúcia Alvim**[de *Batendo Pasto* (2020 [1982])]****Era uma tarde frese, empelicada**

Era uma tarde frese, empelicada.
Eu vinha fria e fétida, mas vinha.
Não tinha resto meu, se tudo eu tinha
Não era nome ou rosto, de onde eu vinha.

Ele me viu da branca paliçada
E veio ao meu encontro, já que eu vinha
Na mesma direção, pois que não tinha
Nenhuma outra saída, de onde eu vinha.

Paramos sobre a ponte. Promulgada
Intimava os atalhos, mais não tinha.
Ele cercava o fogo até o cerne.

E fui ganhando brilho, por um nada.
Sem que nunca soubesse de onde vinha
A ressurgir no tempo em minha carne.

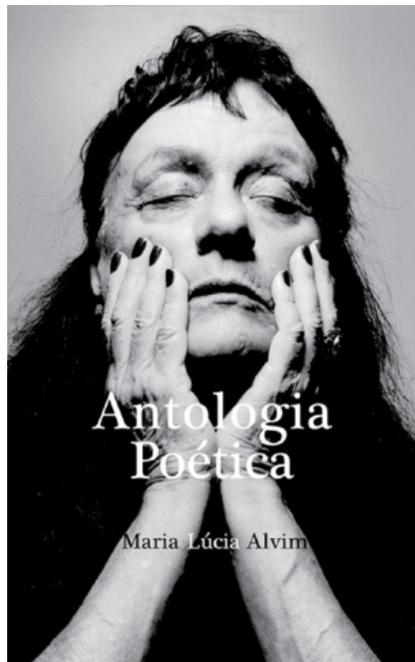
[de *A Rosa Malvada* (1980)]**Num átimo de amor**

Sem pompa, subimos pela rampa
Que dá para o sonho. Flamba o olhar
Entre sumárias palavras: alma,
Garante um lugar ao sol. Aqui
Ao toque da mão, discriminados
Os elementos da terra se abrem
Consanguíneos, em cheiro e tato:
E apalpam no ar as tenras partes
Em lufadas de espinho e magnólia.

P

A volúpia de Paris se evola
No spleen das redes, nos rudimentos
Do tempo – Danaïde ou begônia?
Tufo de nádegas debulhando
A cor dos lábios, sombra de dentro –
Em teu exíguo espaço viajamos
Sem idade, sem lamúria, contra
O peito de Spinoza e o compasso
De Brancusi: “Excelentíssima,

Já viu samambaia azul?” Assim,
Submetidos ao rigor abstrato
Camuflamos no painel do medo
Um tom impressionista: nenúfar,
Ser-em-memória, marulho d’água.
Na tarantela da trapoeraba
Aspereza de adeuses e vinho.
Aqui te brindei: eternamente
– Trincar de cristais em meus sentidos.



* Alvim, Maria Lúcia (2000). *Antologia Poética*. Lisboa: Douda Correria, pp. 41 e 57 [Seleção de João Pedro Aido].